



A IDENTIDADE COMO COMPOSITORA DE CORPOS E ESPAÇOS BISSEXUAIS¹

Hortência Brito²

RESUMO

Neste texto temos por objetivo compreender como a geografia compõe as vivências identitárias de pessoas bissexuais na cidade de Ponta Grossa – Paraná. Para tanto, realizamos 4 entrevistas com pessoas que se autodenominam como bissexuais, duas mulheres, um homem e uma pessoa não-conformista de gênero e em seguida, analisamos as entrevistas segundo o método categorial por enunciações proposto por Laurence Bardin (1977). Os relatos das pessoas entrevistadas nos demandaram três conceitos-chave: identidade, corpo e espaço. Ao estabelecermos um diálogo entre os relatos e os conceitos-chave, evidencia-se como as identidades bissexuais se desenvolvem, na maior parte das vezes, de forma solitária, e por isso o corpo aparece veementemente, pois se mostra como um espaço de existência e resistência.

Palavras-chave: Bissexualidade, Identidade, Corpo, Espaço.

ABSTRACT

With this work, we aim to understand how geography composes identity experiences of bisexual people in Ponta Grossa – Paraná, Brazil. Therefore, we conducted interviews with four people that identify themselves as bisexuals, two women, a man and a gender nonconforming, then we analysed the interviews according to the categorization method by enunciations proposed by Laurence Bardin (1977). The statements of the interviewees demanded three key concepts: identity, body and space. By establishing a dialogue between the statements and the key concepts, it is evident how bisexual identities develop, most of the time, in a solitary way, and for that reason, the body appears vehemently, as it shows itself as a space of existence and resistance.

Keywords: Bissexuality, Identity, Body, Space.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo compreender como a geografia compõe as vivências identitárias de pessoas bissexuais na cidade de Ponta Grossa – Paraná.

¹ Este trabalho apresenta os resultados iniciais da dissertação de mestrado ainda em curso, sob o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

² Hortência Gomes de Brito Souza. Mestranda em **Gestão do Território** pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, brittohortencia@gmail.com.



Nosso referencial empírico, então, está relacionado aos resultados da realização de quatro entrevistas com pessoas que se identificam como bissexuais (duas mulheres, um homem e uma pessoa não-conformista de gênero). As entrevistas foram analisadas segundo o método categorial por enunciações proposto por Laurence Bardin (1977).

Compreendendo que as falas das pessoas entrevistadas dialogam com os conteúdos programáticos dos conceitos de identidade, espaço e corpo, organizamos nossas reflexões em dois momentos.

No primeiro momento desta reflexão, pensamos a tríade acima indicada segundo os argumentos realizados por Stuart Hall (1996), Joan Scott (2005 [1999]), Mathias Le Bossé (2013 [1999]), Rosaura Sánchez (2013) e Rogério Haesbaert (2013). Sobre a discussão relacionada ao conceito de espaço, dialogamos com Edward Soja (1999) e Doreen Massey (2008 [2005]). Finalmente, no que se refere ao ‘corpo’, de um lado utilizamos os resultados obtidos em uma busca sistemática realizada no Observatório da Geografia Brasileira (OGB - GETE/UEPG)³ sobre artigos publicados na área da Geografia que problematizaram o corpo, e o diálogo desta produção com as afirmações realizadas por Andrew Herod (2011), e Joseli M. Silva e Marcio Ornat (2016).

No segundo momento deste artigo, analisamos as entrevistas que foram realizadas com as pessoas que se identificam como bissexuais e que residem na cidade de Ponta Grossa, Paraná. De forma geral, estas falas indicam que as identidades bissexuais se desenvolvem, majoritariamente, de forma solitária. Este é um importante indicativo explicativo da importância da geografia do corpo para estas pessoas, sendo simultaneamente um espaço de existência e resistência.

A IDENTIDADE COMO UM PROCESSO DO/NO CORPO, ESPAÇO E TEMPO

A bissexualidade, que é um dos pontos centrais deste artigo, é entendida como uma orientação sexual, mas também como uma identidade. Como apresentado no capítulo *O Corpo como Elemento das Geografias Feministas e Queer: Um desafio para a análise no Brasil*, Joseli M. Silva, Marcio J. Ornat, Tamires R. A. O. Cesar, Alides B. Chimin Jr. e

³ Atualmente sob coordenação/gestão da Dra. Joseli M. Silva (GETE/PPGEO/UEPG), do Doutorando Vagner A. M. Pinto (GETE/PPGEO/UEPG) e da Dra. Tamires R. A. O. Cesar (GETE/UEPG).



Juliana O. Przybysz (2013) entendem que Michel Foucault e Judith Butler são teóricos influentes na produção geográfica em torno das sexualidades, do corpo e do espaço.

Em específico, Michel Foucault (em *História da Sexualidade: a Vontade de Saber* (1988)), que segundo Silva *et al* (2013), entende a sexualidade como um conjunto de desejos, de identidades e de condutas sexuais, que são influenciadas pelas ideias que promovem a regulação da atividade sexual concreta, relacionada aos prazeres do corpo. Ele entende a sexualidade, não como um “instinto natural”, mas ligada à e aos costumes de um determinado espaço-tempo. Deste modo, o autor entende a sexualidade também como uma identidade.

Se para Silva *et al* (2013), Michel Foucault entende a sexualidade como uma identidade, a bissexualidade, sendo uma orientação sexual, pode ser também compreendida como tal. Por isso estamos tomando a categoria identidade como ponto de partida, a fim de compreender como a bissexualidade se configura no espaço e/ou ainda, como a geografia compõe as vivências bissexuais na cidade de Ponta Grossa, Paraná.

De acordo com Hall (1996), diferentes debates começaram a surgir sobre uma possível crise das identidades, a qual se ancora no argumento de uma fragmentação, descentralização e deslocamento das identidades. Isso porque no final do século XX, houve uma ascensão de grupos identitários (étnico-raciais, feministas, LGBTQIAP+⁴, religiosos, nacionalistas, etc.), reivindicando direitos direcionados para suas necessidades. Parte deste mesmo argumento discorre também sobre como a percepção que temos de nós mesmos vem mudando e como nossas identidades têm se transformado ao longo do tempo.

Em sua argumentação, Hall (1996) aborda três formas distintas em que a identidade vinha sendo concebida. Na primeira forma, a identidade é inerente ao sujeito, sendo revelada ao longo do tempo, mas sempre contínua e imutável, sendo considerada pelo autor como uma forma individualista de se conceber os sujeitos. Na segunda forma, a identidade é concebida pela relação social, não estando exatamente sob o nosso controle, mas sendo constituída pela relação com “outros significantes”⁵ (p. 597), que media o nosso contato com o mundo. Segundo o autor, essa perspectiva de se conceber a identidade, preenche a lacuna entre *insider* e *outsider* e, uma vez que os sujeitos internalizam e se apropriam das identidades culturais,

⁴ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, *Queer*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e demais pessoas fora do espectro cis-heteronormativo, mas que não se identificam com as identidades citadas.

⁵ “Significant others” (HALL, 1996, p. 597) – tradução minha.



ambos sujeito e cultura tornam-se unificados e previsíveis. Esta relação, segundo o autor, é o que desestabiliza e fragmenta as identidades, produzindo então a terceira forma que Hall (1996) define como identidade do sujeito pós-moderno, entendendo-a como algo transitório, sendo produto das nossas relações sociais históricas, onde assumimos diferentes identidades em diferentes tempos e espaços.

Após analisar o caso do Juiz Thomas, em que podemos observar uma análise interseccional⁶ das identidades do juiz e de sua geopolítica, Hall (1996) elabora algumas considerações sobre o que ele chama de “o jogo das identidades”⁷. A primeira trata sobre a contradição das identidades, as quais podem anular ou deslocar umas às outras. A segunda argumenta que as contradições das identidades operam tanto “fora” (do corpo) quanto dentro das mentes das pessoas. A terceira afirma que nenhuma identidade tem a capacidade de servir como um grande guarda-chuva para todas as outras. A quarta é sobre como o campo político vem se fragmentando devido à descentralização de algumas identidades (especialmente a de classe) e o surgimento de outras (feminista, étnico-racial, LGBTQIAP+, etc.). E a sua última consideração discorre sobre como as identidades são fruto de uma localização histórico-geográfica e, portanto, podem ser ganhas ou perdidas.

Scott (2005 [1999]), assim como Hall (1996), discorre sobre a impossibilidade de haver uma identidade guarda-chuva que abarque todas as outras ou até mesmo um agrupamento menor de identidades, pois as pessoas são diferentes em todas as suas interseccionalidades⁸. Mas, como pensar em políticas afirmativas de fato inclusivas e justas, quando os sujeitos são reconhecidos como cidadãos, apenas quando inseridos em grupos? Existe uma demanda pessoal, que só é visualizada e, possivelmente atendida, se o indivíduo pertencer a um coletivo.

O que então evidencia-se é que, ao mesmo tempo em que estas identidades, grupais ou individuais, possuem pontos positivos, pois nos passam uma sensação de pertencimento e nos dão respostas acerca da nossa existência, estas também possuem pontos negativos, ao

⁶ Não discutiremos o conceito de interseccionalidades neste trabalho, por motivos de exequibilidade, mas reconhecemos que as pessoas são interseccionadas por múltiplas identidades simultaneamente. Para mais, ver Valentine (2007).

⁷ Por mais que o autor não utilize este conceito, podemos observar um argumento interseccional do que ele chama de “play of identities” (ver p. 600-601).

⁸ Assim como Hall (1996), Scott (2005 [1999]) não utiliza o conceito de interseccionalidade no seu texto, mas conseguimos identificar traços desta discussão.



apagarem o que nos torna únicos. Isso é o que Scott (2005 [1999]) considera como um dos paradoxos da identidade.

Outros dois paradoxos explanados pela autora tratam sobre como os problemas de uma identidade oprimida se tornam responsabilidade da mesma (*e.g.* o racismo se tornar um problema de não-brancos, o patriarcado se tornar um problema feminino, etc.), e de como ao reivindicarmos direitos, estamos tanto reconhecendo como negando a alteridade. Estes paradoxos são facilmente vistos nas identidades bissexuais, como poderá ser visualizado no segundo momento deste artigo.

Enquanto Hall (1996) discorre sob uma perspectiva que simpatiza com o argumento de descentralização das identidades modernas, e Scott (2005 [1999]) expõe as incongruências das identidades, Le Bossé (2013) busca revisar como a Geografia Cultural vem elaborando reflexões sobre a identidade. Para o autor, assim como para Scott (2005 [1999]), as políticas de identidade são estratégias complexas e paradoxais. Completa afirmando que são carregadas de valor e poder, tornando-se focos de resistência. Como visto em suas palavras:

Se, logo à primeira vista, a identidade apresenta-se como a resposta a um "o que é?", "quem são eles?", "quem somos nós?", e serve para dar substância e sentido a objetos ou pessoas, ela pressupõe que sejam estabelecidos critérios adequados a uma identificação, que, de sua parte, remete a dois processos distintos e complementares (LE BOSSÉ, 2013, p. 223).

O primeiro processo parte da necessidade de nomearmos algo e/ou alguém e o segundo processo nasce da necessidade que temos de criar relações que partam de um sentimento de pertencimento, sendo este processo dialético, ou seja, ao nos identificarmos com algo/alguém estamos nos desidentificando com outrem (HALL, 1996; LE BOSSÉ, 2013). Por isso “é preciso ressaltar que toda forma identitária apresenta-se como um equilíbrio de tensões entre o ser e o vir a ser” (LE BOSSÉ, 2013, p. 224), e que os processos de construção das identidades são percebidos de formas diferentes pelas pessoas, porque somos interseccionados por diversos referenciais, que fazem com que tenhamos diferentes experiências identitárias em uma mesma categoria.

Para Le Bossé (2013), o lugar é o foco das identidades, ainda que tenha sido apenas após a década de 1970 que a identidade passou a ser pensada na Geografia, assumindo as sociedades como agentes transformadores dos lugares. Deste modo, o lugar se torna a espacialidade das identidades, atuando em diferentes escalas: do corpo, da casa, do urbano, do



regional, do nacional, entre outras. E a rede de conexão das diferentes espacialidades, em diferentes escalas, cria também uma rede de identidades múltiplas, que também se dão em diferentes escalas. Portanto, para o autor, toda experiência identitária é espacial e se transcreve em diferentes escalas simultaneamente, mesmo que não percebida ou não teorizada.

Tanto Le Bossé (2013), quanto Sánchez (2013), compreendem que a identidade não pode ser compreendida fora das relações de poder, pois esta é fruto destas relações. Pensando ainda sob o argumento de Silva *et al* (2013) e sob o argumento de Hall (1996), a elaboração das identidades bissexuais é resultado de “dentro” e “fora”. Sánchez (2013) reconhece que as políticas identitárias são, muitas vezes, produtos de manipulação de forças hegemônicas, mas uma política crítica da identidade pode fazer parte da organização política, desestabilizando discursos hegemônicos, mesmo que o foco de transformação não seja, à priori, na estrutura.

Nossas identidades são fruto de um espaço-tempo específico, com forças hegemônicas e estruturas sociais específicas. Entretanto, não nos reduzimos a isto, visto que estamos sempre cambiando em nossas relações, criando diferentes identidades e intersecções destas identidades (SÁNCHEZ, 2013). Neste caminho, compreendemos que:

A identidade, é claro, não pode ser reduzida à localização ou à posição social, mas também não pode ser analisada de forma significativa sem levá-las em consideração. Na verdade, eu diria que a localização social e a identidade podem ser consideradas distintas, mas inseparáveis (SÁNCHEZ, 2013, p. 35)⁹.

Portanto, para a autora, o processo de auto identificação pressupõe o reconhecimento das relações presentes entre posicionalidades sócio-espaciais. Mas, a identidade não é só sobre os pontos comuns, mas também envolve contradições e a não-identificação (HALL, 1996; LE BOSSÉ, 2013; SÁNCHEZ, 2013).

Para Haesbaert (2013), assim como para Sánchez (2013), a identidade é transitória, expressa em um espaço ou como parte de um espaço produzido histórica e socialmente, mesmo que alguns/mas pesquisadores/as a tenham discutido como algo estático e imutável.

Ainda para o autor, a identidade sempre se dá em relação com um referente, comum ou outro. Essa relação produz também diferenças e são essas diferenças que tendem a tornar

⁹ “Identity, of course, cannot be reduced to social location or positioning, but it also cannot be analyzed in any meaningful way without taking it into account. In fact, I would argue, social location and identity could be said to be distinct but inseparable” (SÁNCHEZ, 2013, p. 35) – tradução minha.



ininteligível e estigmatizado o que enxergamos como diferentes de nós (HAESBAERT, 2013). Essa ininteligibilidade e estigmatização é muito presente na vida de pessoas bissexuais que, como pudemos acompanhar com as entrevistas, são pessoas que são fetichizadas e/ou desclassificadas como possuidoras de uma sexualidade legítima.

Segundo Haesbaert (2013), todas as identidades são espaciais. E o espaço opera na identidade com um propósito de condensar memórias de um grupo ou mesmo de indivíduos (que é o caso de pessoas bissexuais, como veremos no segundo momento desta discussão). Além de condensar as memórias, o espaço também as guarda e as mistura, na medida em que outras identidades e outras memórias se formam.

A identidade e a identificação, como argumentado aqui pelas/os autoras/es que tratamos, não podem ser analisadas fora da experiência e, por conseguinte, não podem ser analisadas a-espacialmente, pois toda experiência é vivida através de nossos corpos e pelo espaço de forma multiescalar.

Apesar da escala ter sido interpretada por muito tempo, na história da Geografia, como algo vertical, com hierarquias e recortes rigidamente demarcados (como é expresso nas metáforas da escada, dos círculos concêntricos e da matryoshka), privilegiando a escala global, como uma maior hierarquia, e desprivilegiando o corpo, como uma menor hierarquia, após a década de 1980 isso começou a mudar (HEROD, 2011). Com a crescente utilização da teoria marxista e da teoria feminista nas ciências humanas, a discussão sobre a escala se expandiu para novas perspectivas. Segundo Herod (2011), houveram pesquisadoras/es que sugeriram analisar as escalas através da performatividade¹⁰, ou seja, não as entendendo como algo dado, mas como algo produzido pela repetição de práticas que não só criam uma noção de normalidade e normatividade, mas que também as desestabilizam. Portanto:

1) não há escala mais ou menos válida, a realidade está contida em todas elas; 2) a escala da percepção é sempre ao nível do fenômeno percebido e concebido. [...] 3) a escala não fragmenta o real, apenas permite a sua apreensão (CASTRO, 2000 [1995], p. 132).

Por mais que hajam projetos de homogeneização das experiências humanas no espaço (HARVEY, 2008 [1989]) (e, portanto, das identidades, pois como vimos elas se constituem na experiência), se considerarmos o corpo como algo sempre relacional, de forma multiescalar,

¹⁰ Baseado no conceito de Judith Butler em *Gender Trouble* (1990).



com outros espaços, evidencia-se que essa homogeneização não só é impossível, mas é violenta, principalmente com corpos que fogem à norma.

Segundo o argumento de Sánchez (2013), Haesbaert (2013) e Silva *et al* (2013), de que nenhuma identidade é atemporal, a-espacial e uni-escalar, utilizaremos o trabalho de Soja (1999) intitulado *Thirdspace: Expanding the Scope of the Geographical Imagination* presente no livro *Human Geography Today*.

Neste capítulo, Soja (1999) escreve cinco teses para que possamos pensar e desenvolver novas formas de concepção do espaço, dentre outras importantes categorias como lugar, cidade, região, etc. Contudo, focaremos apenas nas três primeiras.

A sua primeira tese trata sobre a importância que os estudos espaciais e os estudos da produção humana do espaço passaram a ter no final do século XX, igualando-se aos estudos sobre o tempo, sobre a história, sobre a sociedade e sobre as relações sociais. Deste modo, começa-se a compreender a interligação e inseparabilidade da sociedade, da história e do espaço. Para o autor a espacialidade, sociabilidade e historicidade formam a "trialética do ser"¹¹ (p. 263). Essa trialética influencia não só a ontologia, em termos de formação do conhecimento, mas também a "epistemologia, a construção de teorias, as práxis e análises empíricas, a transformação do conhecimento em ação"¹² (SOJA, 1999, p. 262). A chave para a compreensão da trialética do ser parte de um não-privilegio de nenhuma das suas três formas. Em termos de exequibilidade, talvez priorizemos uma parte em detrimento das outras duas, mesmo que, segundo a afirmação do autor, não podemos perder de vista que o espaço, a sociedade e a história fazem parte de uma tríade inseparável.

A segunda tese de Soja (1999) trata sobre o binarismo presente na história da imaginação geográfica sobre o espaço. Ele propõe uma expansão nas formas em que podemos pensá-lo e analisá-lo. Assim, a partir da trialética do ser, Soja (1999) constrói a "trialética da espacialidade"¹³, contendo o percebido, concebido e vivido (ou Primeiro-espaço, Segundo-espaço e Terceiro-espaço).

Para Soja (1999), o Primeiro-espaço (*Firstspace*) é o espaço percebido, que se refere ao mundo experienciado através de fenômenos mapeáveis e mensuráveis empiricamente. Para

¹¹ "The trialectics of being" (SOJA, 1999, p. 263). – tradução minha.

¹² "[E]pistemology, theory building, empirical analysis and práxis, the transformation of knowledge into action" (SOJA, 1999, p. 262). – tradução minha.

¹³ "The trialectics of spatiality" (SOJA, 1999, p. 265). – tradução minha.



o autor, esta é a percepção mais presente na análise de geógrafas/os, principalmente para aquelas/es que possuem uma perspectiva geográfica mais clássica e rígida.

O Segundo-espço (*Secondspace*) é o espaço concebido. Em contraste com o Primeiro-espço, este é mais subjetivo e se preocupa mais com as representações das espacialidades (SOJA, 1999). Não possui uma rigidez na percepção material do espaço, mas se concentra em explorar o lado simbólico e subjetivo dele.

A terceira tese do Soja (1999) é então o Terceiro-espço (*Thirdspace*), o espaço vivido, sendo compreendido por cinco pontos simultâneos. Em primeiro, como uma forma distinta de se interpretar e modificar a espacialidade produzida socialmente. Em segundo, como uma parte integral da dialética da espacialidade. Em terceiro, como uma perspectiva espacial mais abrangente. Em quarto, como um espaço estratégico de luta contra todas as formas de opressão. E em quinto, como um ponto de partida para a concepção de outras espacialidades. Assim, o Terceiro-espço tem múltiplas esferas, podendo ser um espaço de opressão, de liberdade, de expressão, de constrangimentos, de individualidade, de coletividade e muitas outras coisas que são evidenciadas em nosso trabalho de campo.

Como dito no início deste texto, ao realizarmos a análise das entrevistas segundo o método proposto por Bardin (1977), tivemos uma demanda teórica acerca da discussão do corpo. Para acessarmos como a Geografia brasileira tem pensado o corpo, e para encontrarmos trabalhos que nos ajudassem a pensar a identidade, o corpo e o espaço, foram realizadas duas buscas¹⁴ no OGB, organizado pelo Grupo de Estudos Territoriais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (GETE/UEPG). O OGB, na data das buscas, totalizava um volume de 25.432 artigos *online*, de 98 periódicos publicados entre 1939 e 2019.

As buscas foram feitas utilizando o termo “corp”, onde a primeira levou em consideração a presença geral do termo, seja no resumo, no título ou nas palavras-chave dos artigos. A segunda busca considerou todas as ocorrências em qualquer campo dos artigos. A primeira busca, totalizou um volume de 66 artigos, e a segunda busca totalizou 1.436 artigos. Consideramos que quando uma discussão é central para um trabalho, ela será mencionada no título, resumo e/ou palavras-chave, portanto, a nossa análise se estende, apenas, à primeira busca.

¹⁴ As duas buscas foram realizadas em 19 de março de 2021, às 16h34.



Nem todos os 66 artigos encontrados com o termo “corp” eram sobre corpo/corporeidade. Então, após analisarmos minuciosamente os títulos, resumos e palavras-chave destes trabalhos, chegamos ao volume de 36 artigos. Em seguida, fizemos uma categorização destes artigos, onde 24 veem o corpo como um espaço e/ou relacional com o espaço, 4 veem o corpo como território, 3 veem o corpo como paisagem, 1 vê o corpo como um objeto de análise e 4 apresentam uma discussão escalar que engloba o corpo e espaço/território.

Dos 36 artigos, apenas 1 discute corpo, identidade e espaço, sendo o trabalho de Patrício P. A. de Sousa, intitulado *Ensaçando a Corporeidade: Corpo e Espaço como Fundamentos da Identidade* (2009). Como o título sugere, neste texto, o autor pretende trabalhar como corpo e espaço são conceitos que fundamentam a constituição das identidades e utiliza esta discussão para analisar sua pesquisa realizada no Congado em Minas Gerais.

Para Sousa (2009), corpo e espaço foram tidos, por muito tempo, como passivos, entidades nas quais forças externas se inscreveriam, mas ambos possuem características e complexidades únicas e são agentes ativos na produção da realidade. Desta forma, tanto o corpo como o espaço foram colocados como algo dado *à priori*, ao invés de constituições sociais. Ainda para o autor, o corpo compreende uma dimensão espacial, a qual irá constituir a corporeidade.

As práticas corporais que servem como marcadores para a diferenciação dos grupos, envolvem uma apropriação espacial (SOUSA, 2009). Desta forma, espaço e corpo são entidades que fundamentam as identidades, pois é neles que a identidade é construída e performada. Nesta discussão, a alteridade é responsável por "tipificar, desvalorizar ou estereotipar as práticas do outro a partir da tentativa de proteção e asseguramento de nossa identidade" (p. 39), e estes elementos são os mais presentes nas falas das pessoas que entrevistamos, demonstrando uma deslegitimação da bissexualidade por pessoas heterossexuais e mesmo por pessoas “lésbicas e gays”¹⁵.

Semelhante à visão de Sousa (2009), Herod (2011) acredita que o corpo é criado e moldado biológica e socialmente, e o autor atribui às teorias feministas o protagonismo que o corpo tomou em algumas discussões. O autor salienta que apesar do corpo ter uma discussão

¹⁵ Por mais que as pessoas que entrevistamos tenham utilizado a sigla LGBT, entendemos, pelas suas falas, que elas/es/us estavam se referindo à gays e lésbicas.



significativa dentro da discussão da teoria feminista, é importante ressaltar que este também foi alvo da Geografia sob outras perspectivas, como pela perspectiva racial, geracional, etc. A análise da argumentação de Herod (2011) evidencia que todas as discussões apresentadas por ele têm um ponto comum, que é a identidade, mesmo que este conceito não esteja sendo discutido nas obras destacadas por ele.

Segundo Herod (2011), os estudos *queer*¹⁶ também contribuíram significativamente para a discussão sobre o corpo, ao desafiar a lógica binária que vinha sendo trabalhada nas teorias feministas e mesmo em outros campos. Suas críticas trouxeram à luz o dualismo entre feminino/masculino, homem/mulher, heterossexualidade/homossexualidade, que muitas vezes descaracterizavam e empobreciam a discussão sobre o corpo. A Geografia *Queer*, nesta mesma perspectiva, elucidou como as sexualidades são performadas de forma diversa em diferentes espacialidades e contextos sociais.

Tanto Herod (2011) quanto Silva e Ornat (2016) atribuem às teorias feministas e teoria *queer* a protagonização do corpo como um importante elemento de análise para as relações de gênero, e se a experiência humana é corporificada, espacial e multiescalar, então o corpo é também um importante elemento de análise para a geografia (SOUSA, 2009; SILVA e ORNAT, 2016).

É através do corpo e, portanto, do espaço, que os processos de subjetivação dos sujeitos se transcrevem (SILVA e ORNAT, 2016), ou seja, é por processos corporais e espaciais que as identidades são criadas, modificadas e apreendidas. Apesar do espaço, do tempo e das formas corpóreas não serem decisivos nas nossas experiências de vida, eles possuem grande influência e, portanto, não podem ser dissociados nas nossas análises (SÁNCHEZ, 2013; SILVA e ORNAT, 2016). Corpo e escala, muitas vezes, são entendidos como processos dados pela natureza e por isso os enxergamos como partes separadas e fragmentadas, ao invés de enxergamos suas inter-relações, inseparabilidade e constante mutabilidade (SOUSA, 2009; HEROD, 2011; SILVA e ORNAT, 2016).

Do mesmo modo, o espaço foi compreendido por muito tempo como algo partindo de uma única narrativa, como aponta Massey (2008 [2005]). Mas, ele é um produto de inter-relações, é a esfera da possibilidade e da multiplicidade de trajetórias e por fim, está

¹⁶ Termo de origem indoeuropeia, inicialmente significava “estanho” ou “esquisito”, servia como ofensa para homens “afeminados”. Atualmente, é uma identidade sexual e de gênero, associada a gays, lésbicas, bissexuais e dissidentes de gênero.



sempre em construção. O espaço, para Massey (2008), é resultado de relações identitárias imprevisíveis que se ligam indefinida e incontavelmente. Ainda para a autora, se entendemos que as relações sociais são múltiplas e heterogêneas (e subjetivas), e estas produzem e constituem espaços, então os espaços também são múltiplos e heterogêneos (e subjetivos), pois toda narrativa, toda trajetória, carrega em si uma temporalidade e espacialidade, como poderemos acompanhar na seção a seguir com as análises das entrevistas.

AS VIVÊNCIAS IDENTITÁRIAS E AS ESPACIAIS DE PESSOAS BISSEXUAIS EM PONTA GROSSA, PARANÁ

Pode ser difícil pesquisar sexualidades e identidades de gênero dissidentes, pois nem todas as pessoas neste espectro sentem-se confortáveis em compartilhar suas histórias. Mas, nossas posicionalidades dentro e/ou em relação à população LGBTQIAP+ nos possibilitou o fácil acesso das pessoas entrevistadas, pois como argumentado por Lorena Muñoz (2010), as nossas posicionalidades como pesquisadoras/es podem nos permitir acessar informações privilegiadas quando as pessoas que estamos pesquisando identificam-se conosco, pois essa identificação gera uma confiabilidade entre pesquisadas/os e pesquisadoras/es.

Optamos por entrevistar ao menos 3 pessoas, um homem, uma mulher e uma pessoa não conformista de gênero, para conhecermos como a bissexualidade pode ser diversa dentre as diferentes identidades de gênero. Encontramos quatro bissexuais¹⁷ na cidade de Ponta Grossa nesta busca. A primeira pessoa que tivemos contato foi Carmélia, que é uma pessoa do nosso ciclo de convivência. Em seguida Bernardo, Amanda e Charlie foram encontrados com a técnica de bola de neve¹⁸.

As entrevistas foram realizadas por *Google Meet* e pelo *WhatsApp*, pois com a pandemia de Covid-19, encontros pessoalmente não seriam seguros. Por mais que acreditemos que um encontro cara-a-cara seria mais produtivo, não sentimos que a qualidade das entrevistas e informações acessadas foram comprometidas.

¹⁷ Como pode ser visto na figura 2, Charlie não se identifica mais como bissexual, mas até o início do ano de 2020 sim, por isso mantivemos a sua entrevista.

¹⁸ A técnica de bola de neve, ou *snowball sampling* aqui utilizada é a proposta por Goodman (1961) em que um indivíduo de uma amostra k indica outras pessoas da sua rede de convívio que também se encaixam na amostra.



Na Figura 1, elencamos as identidades presentes nos discursos das pessoas que entrevistamos. Não há uma variedade na faixa etária, pois a bissexualidade por muito tempo não foi considerada uma possibilidade, como podemos concluir pelas falas das pessoas que entrevistamos, as quais conheceram a bissexualidade pelas redes sociais e/ou na universidade. Portanto, acreditamos que é natural que tenhamos mais facilidade de encontrar pessoas bissexuais da geração y e da geração z¹⁹. Também não tivemos uma variação étnico-racial, pois 78,6% da população pontagrossense se autodeclara branca (CADERNO ESTATÍSTICO PONTA GROSSA, 2019). Portanto, a probabilidade de encontrarmos pessoas brancas bissexuais é consideravelmente maior que em outras etnicidades/racialidades.

Figura 1 – Identidades apresentadas nas falas das pessoas entrevistadas, 2020.

<i>Carmélia</i>	<i>Bernardo</i>	<i>Amanda</i>	<i>Charlie</i>
Mulher; Mãe; Cor branca; Bissexual; 26 anos; Empregada.	Homem; Cisgênero; Bissexual; Cor branca; 20 anos; Empregado.	Mulher; Cisgênero; Bissexual; Cor branca; 21 anos; Estudante.	Não-conformista de gênero; Dentro da multissexualidade; Demissexual; Cor branca; 21 anos; Estudante.

Elaboração: Hortência Brito, 2021.

A primeira análise que fizemos das entrevistas, foi seguindo o método de categorização por evocações proposto por Bardin (1977), o que totalizou 227 evocações. Seguindo o argumento de Massey (2008 [2005]) de que o espaço não é anterior às identidades, mas sim que as relações entre as identidades e as espacialidades são co-constitutivas, decidimos iniciar a análise das evocações elencando categorias discursivas e, a partir delas, elencamos as espacialidades discursivas.

De todas as evocações localizadas no processo de análise de conteúdo, as categorias discursivas que estavam relacionadas com questões identitárias eram: “Identidade Eu”, com

¹⁹ As pessoas da geração y (ou *millennials*), são aquelas nascidas entre 1980 e 2000, enquanto as da geração z nasceram a partir de 2001 (REVISTA GALILEU, 2018).



79,91%; “Identidade Grupo”, com 10,96%; “Identidade Outro”, 5,94%; “Outras Identidades” (masculina, feminina, materna e trans), que por totalizarem 3,2%, foram agrupadas²⁰.

Para a classificação das categorias discursivas que expressam identidades (Eu, Grupo e Outro), seguimos o argumento de Le Bossé (2013), sempre respondendo as perguntas "o que é?" ", "quem são eles?", "quem somos nós?" e levando em consideração o sujeito das falas. O que pudemos constatar com isto, é que a bissexualidade é uma identidade muito individual, pois em raros momentos as pessoas entrevistadas falavam na primeira pessoa do plural. Além disso, em momento algum elas demonstravam se sentir genuinamente parte de um grupo ou coletivo, pois o sujeito presente em suas falas era, quase sempre, o “eu”. Quando falavam em uma “Identidade Grupo”, muitas falas evidenciaram bifobia, a própria bissexualidade e o seu enfrentamento. Em relação à “Identidade Outro”, evidencia-se uma menor incidência do “eu” e a percepção que outras pessoas possuem da bissexualidade.

Após elencarmos as categorias discursivas que expressam identidades, agrupamos as espacialidades discursivas presentes em cada uma delas. A “Identidade Eu”, tem o corpo como a espacialidade mais expressiva (58,86%). Isso fortalece o nosso argumento de que a bissexualidade é uma identidade individual, pois como argumentado por Silva e Ornat (2016), o corpo marca a fronteira entre o eu e o outro. Do mesmo modo, a partir da imaginação geográfica proporcionada pela argumentação de Soja (1999), em uma perspectiva de terceiro espaço, o corpo é uma espacialidade vivida segundo a forma em que o mundo é interpretado, conectado com relações sociais e temporais, uma possibilidade estratégica de luta contra forças opressoras. Neste caminho, é através do corpo que são vividas a opressão, a liberdade, os constrangimentos, as individualidades e as coletividades.

Na espacialidade do corpo, a maior parte das evocações demonstram bifobia. Diferente da transfobia, da homofobia e da lesbofobia, a bifobia é muito mais sutil. O que nos foi evidenciado pelas entrevistas, é que as pessoas bissexuais são sempre desacreditadas, tidas como vulgares, promíscuas, fetichizadas e, quando estão em um relacionamento, sempre há um julgamento e medo da/o parceira/o em ser trocado por alguém do gênero oposto. Apesar da bifobia, não apresentar uma violência física recorrente, como ocorre com outras

²⁰ Para além das categorias citadas, 3,52% das evocações não constituíram eixo semântico. Devido a isto, não foram analisadas.



identidades, ela é também violenta e também deixam marcas, como evidenciado na fala de Carmélia:

[N]ão é aquela história assim “puts, você é bissexual, porque você não sabe o que você quer, porque você tá perdida ou você só quer sair pegando todo mundo” e não é assim, né?! (CARMÉLIA, Ponta Grossa, 02/09/2020)

As outras espacialidades discursivas na “Identidade Eu” foram trabalho (14,86%), espaços de lazer (9,71%), espaços públicos (6,86%), espaços educacionais (6,29%) e a cidade (3,43%). Essas espacialidades são pouco expressivas, pois são espacialidades em que a bissexualidade não é compreendida, portanto, pouco se apresenta, como pudemos observar com os relatos. Elas também possuem uma forte presença da bifobia, mas também do medo, da afirmação das identidades bissexuais e do enfrentamento que essas pessoas fazem frente às demais. E por isso o corpo é tão presente, pois é a espacialidade pela qual a bifobia é enfrentada.

Na “Identidade Grupo”, o corpo (70,83%) é ainda mais presente que na “Identidade Eu” e na “Identidade Outro”, evidenciando uma violência comum entre pessoas bissexuais, ao mesmo tempo que demonstra que elas se sentem incompreendidas e deslegitimadas, mesmo dentro da população LGBTQIAP+, como podemos ver na fala do Bernardo.

A comunidade, eles tem muito esse pensamento fechado ainda sobre a bissexualidade, sabe?! Então... É que assim, eu não tenho convivência extrema com pessoas héteros, então as que eu tenho fazem isso, mas elas são poucas comparadas com pessoas LGBT, que mesmo sendo LGBT fazem a mesma coisa, sabe?! (BERNARDO, Ponta Grossa, 01/09/2020)

Segundo Judith Butler (1993), com a prática de repúdio que alguns gays e lésbicas possuem com a identidade heterossexual, decorre daí uma deslegitimação das identidades bissexuais, partindo de uma lógica normativista que elas/es mesmas/os repudiam. Como vimos com Hall (1996) e Scott (2005 [1999]), as identidades grupais tendem a anular ou deslocar umas às outras, apresentando contradições tanto dentro quanto fora, do mesmo modo, como proposto por Haesbaert (2013), a identificação se dá em relação a um referente, por isso a bissexualidade é ininteligível mesmo para algumas pessoas da população LGBTQIAP+.



O corpo é também a espacialidade mais expressiva na “Identidade Grupo”, porque ele é um espaço de resistência e enfrentamento e, nesse sentido, percebemos uma identidade coletiva. Como indicado por Silva *et al* (2013), em termos geográficos, o corpo será uma materialidade compreendida enquanto um campo de batalha, resultado de uma rede de saberes e poderes.

As outras espacialidades presentes na “Identidade Grupo” foram trabalho (12,5%), espaços educacionais (12,5%) e espaços públicos (4,17%), que apresentam outros elementos como a amizade, a afirmação da bissexualidade, o acolhimento, mas também a bifobia. Assim como na “Identidade Eu”, estas outras espacialidades tem uma menor ocorrência, por serem espacialidades em que a bissexualidade não é vista e compreendida, de uma forma geral.

Na “Identidade Outro”, temos a menor incidência do corpo (38,46%), quando comparados com a “Identidade Eu” e “Identidade Grupo”, e maior presença dos espaços da cidade (23,08%), da igreja (15,38%), dos espaços de lazer, dos espaços públicos e do trabalho (7,69% cada). Isso ocorre porque, como dito anteriormente, a bissexualidade é uma sexualidade ininteligível e impensável para muitas pessoas, como expresso nas falas de Amanda e Carmélia:

[E]u sou uma pessoa muito feminina, entre muitas aspas, eu passo como [heterossexual]... sabe?! (AMANDA, Ponta Grossa, 01/09/2020).

Quando a gente é... Eu acho que passam um pano, eu não sei, porque as pessoas meio que olham assim “ah, é uma mulher, ela tem os trejeitos assim femininos, tá com filho”, ninguém vai olhar e pensar assim “é uma bi” (CARMÉLIA, Ponta Grossa, 02/09/2020)

Portanto, como visto nas falas de Amanda e de Carmélia, espaços públicos e a cidade em si são espaços que suprimem as identidades bissexuais e, portanto, o corpo, o qual é a única espacialidade em que esta identidade existe em sua totalidade. O que se evidencia com estes relatos, é que os espaços públicos e coletivos, são espaços do Outro, por isso aparecem com mais intensidade que em comparação com a “Identidade Eu” e a “Identidade Grupo”. Mesmo a espacialidade corpo apresentada na “Identidade Outro”, está relacionada com a forma em que as outras pessoas enxergam corpos bissexuais, por isso bifobia, medo, imagem e religião são os elementos mais presentes nessa categoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Esta pesquisa compreendeu como a geografia compõe as vivências identitárias de pessoas bissexuais em Ponta Grossa, Paraná. Tendo em vista o que foi apresentado e discutido, evidencia-se que o corpo é uma das espacialidades centrais das vivências identitárias de pessoas bissexuais, sendo tanto um refúgio para estas pessoas, quanto um mediador entre outras escalas espaciais e também temporais, já que o corpo é também um receptáculo de memórias.

Comprendemos pelas falas das pessoas entrevistadas que a bissexualidade é uma identidade individual, ou mesmo solitária, pois mesmo identidades fora da alteridade, reproduzem uma norma que torna a bissexualidade ininteligível, sendo vista como uma falta de comprometimento e lealdade (BUTLER, 1993).

Portanto, quanto mais deslocada e incompreendida a pessoa se sente em relação às demais, mais importante a sua individualidade e seu corpo se tornam. Não se reconhecer em seu próprio corpo e nos sistemas sociais, devido às nossas posições espaço-temporais e devido aos sistemas opressores que engendram nossa sociedade, é extremamente doloroso. Desta forma, quando adquirimos autoconhecimento e nos aceitamos, nosso corpo se torna inestimável, pois é o único espaço em que vivemos plenamente da forma com que gostaríamos, mesmo que este viver não seja explícito para os demais.

Pessoas bissexuais são bissexuais o tempo todo. No entanto, a menos que verbalizem categórica e incessantemente, esta identidade não é considerada como uma possibilidade, pois foge ao binarismo heterossexual/homossexual. Assim, ser bissexual é o ser e o não ser, o existir e o não existir, simultaneamente. Mas, não obstante, pessoas bissexuais existem e resistem.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter**. On the Discursive Limits of "Sex". New York: Routledge, 1993.

CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. *In*: CASTRO, I. E.; GOMES; P. C. C.; CORREA, R. L. (org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 117 – 140.



GOODMAN, L.A. Snowball Sampling. *Annals of Math. Statist.* vol. 32, nº 1, p. 148 – 170, mar., 1961.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL Z. (org.) **Geografia cultural: uma antologia**, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 233 – 244.

HALL, S. The Question of Cultural Identity. In: HALL, S.; HELD, D.; HUBERT, D.; THOMPSON, K. (eds.). **Modernity: An Introduction to Modern Societies**. Hoboken: Blackwell, 1996. p. 596-634.

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna**. 17ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.

HEROD, A. **Scale**. Park Square: Routledge, 2011.

IPARDES. **Caderno estatístico município de Ponta Grossa**. Disponível em: <https://smma.pontagrossa.pr.gov.br/download/pg_sustentavel/ipardes_caderno_pg.pdf>. Acessado em: 21/04/2021.

LE BOSSÉ, M. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL Z. (org.) **Geografia cultural: uma antologia**, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 221 – 232.

MASSEY, D. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MUÑOZ, L. Brown, *Queer* and Gendered: *Queering* the Latina/o ‘Street-Scapes’ in Los Angeles. In: BROWNE, K.; NASH, C. J. (org.). **Queer methods and methodologies: intersecting queer theories and social science research**. England: Ashgate, 2010. p. 55-68.

REVISTA GALILEU. **Integrantes da Geração Z ultrapassarão Millennials a partir de 2019**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/08/integrantes-da-geracao-z-ultrapassaram-millennials-partir-de-2019.html>. Acessado em: 03/05/2021

SÁNCHEZ, R. On a Critical Realist Theory of Identity. In: ALCOFF, L.; HAMES-GARCÍA, M.; MOHANTY, S.; MOYA, P. M. L. (eds.). **Identity Politics Reconsidered**. The Future of Minority Studies. New York: Palgrave Macmillan, 2013. p. 31-52.

SCOTT, J. O enigma da Igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1), p. 11-30, jan-abr, 2005.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CESAR, T. R. A. O.; CHIMIN JUNIOR, A. B.; PRZYBYSZ, J. O Corpo como Elemento das Geografias Feministas e Queer: Um Desafio para a Análise no Brasil. In: SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (org.). **Geografias Malditas**. Corpos, Sexualidades e Espaços. Ponta Grossa: TodaPalavra, 2013, p. 85 – 142.



SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Corpo como espaço: um desafio à imaginação geográfica. *In*: PIRES, C. L. Z.; HEIDRICH, A. L.; COSTA, B. P. (org.). **Plurilocalidade dos sujeitos: representações e ações no território**. Porto Alegre: EdUFF, 2016. p. 56 – 75.

SOJA, E. W. Thirdspace: Expanding the Scope of the Geographical Imagination. *In*: MASSEY, D.; ALLEN, J.; SARRE, P. (eds.). **Human Geography Today**. Cambridge: Polity Press, 1999. p. 260 - 278.

SOUSA, P. P. A. Ensaando a corporeidade: corpo e espaço como fundamentos da identidade. **Geografares**, UFMG. v. 0, n. 7, p. 35 – 50, 2009.

VALENTINE, G. Theorizing and Researching Intersectionality: A Challenge for Feminist Geography. **The Professional Geographer**, v. 59, n. 1, p. 10 – 21. 2007.